



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

A EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO ENTRE TRÊS PESQUISAS: UM AGENCIAMENTO COM O MODO DE FAZER DAS CAMBONAS

Daiana Pilar Andrade de Freitas Silva¹

Débora de Souza Santos Madeira²

Sheila Martins dos Santos³

RESUMO

Este ensaio é um recorte dos atravessamentos que compõem três pesquisas, uma de mestrado, que resultou na dissertação “Cartografia do caminhar com estudantes (entre diários de pesquisa) no Instituto Benjamin Constant”, uma de doutorado, que resultou na tese “Paisagens tecidas na diferença: modos babélicos de ver, sentir e aprender conversando com crianças no Instituto Benjamin Constant em pandemia” e outra de mestrado que resultou na dissertação, “Escrevivências: denegrir (-se) e ensurdecer (-se) com estudantes negras surdas” Trata-se de pesquisas, que apostaram na cartografia como modo de fazer pesquisa para problematizar a produção da normalidade como política presente na pedagogia. Nesta narrativa o que desejamos é pensar o quanto os efeitos dos encontros entre estas pesquisas se agenciam com o gesto de “cambonar”

¹ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/FFP-UERJ - RJ, professorapilar@gmail.com

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/FFP-UERJ - RJ, debossmadeira@gmail.com

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/FFP-UERJ - RJ, sheila.jh2003@gmail.com



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

(RUFINO, 2019), que se constitui como um modo de inventar um outro regime de presença, que nos permite uma disponibilidade ao outro, que é radicalmente outro na relação.

Palavras-chave: Pesquisa; Encontro; Camponagem; Cartografia.

ENTRANDO AO MODO INTRODUÇÃO...

Para conversarmos acerca dos atravessamentos, que surgiram no processo de desenvolvimento de nossas pesquisas, achamos que é fundamental explicitar que somos movimentadas por algo em comum: o encontro. Salientando que pensamos o encontro como uma possibilidade de termos o pensamento constrangido por forças que expressam as variações da vida (Deleuze, 2006). E é isso que acontece no encontro que forjamos junto ao Coletivo Diferenças e Alteridade na Educação (FFP/UERJ), rede na qual nos encontramos para conversar e pesquisar, compartilhando experiências que produzimos nas relações educativas.

Nesta rede problematizamos a produção da normalidade como política majoritária na Educação. Apostamos na produção do conhecimento entre professoras-estudantes-escolas-universidades-mães-gestores de políticas, que evidencia uma mobilização do conhecimento, que se dá em rede. Questionando ainda, se o modo padronizado da escrita acadêmica, pode de fato expressar a singularidade do encontro.

Junto a esse Coletivo produzimos nossas pesquisas e problematizamos os efeitos do encontro. Apostando na cartografia como modo de fazer pesquisa. Assim, a partir do exercício cartográfico buscamos produzir nossas pesquisas nos esforçando para escapar do centro, no sentido de exercitar uma lateralidade, que “ao modo caranguejo” (COSTA, 2020, p. 21) pode nos sensibilizar para uma atenção e uma disponibilidade ao que acontece aos lados, nos permitindo também escapar da posição de “sobrevoo e de mergulho” (Idem), que estão mais conectadas com as formas



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

hegemônicas de pesquisar e se vinculam com uma atitude de “distância e profundidade” (Idem).

Em nossas pesquisas, concebemos a escrita diarística como um dispositivo cartográfico, como uma força expressiva, que pode dar a pensar “os lapsos, os atos falhos que deixam escapar as linhas do inconsciente institucional” (Barros e Passos, 2020, p.175). Isto é, compreendemos a feitura de diários, como um modo de narrar a processualidade da pesquisa escapando dos modelos hegemônicos, que propõe registros higiênicos e neutros, nos quais não podemos nos implicar.

Para este ensaio, pensamos em entrelaçar tais composições com o fazer das cambonas, que como nos diz Rufino (2019) têm um “cargo” extremamente complexo, sendo uma das presenças marcantes nos terreiros da afrodiáspora. Nos dizeres deste autor, a arte de cambonar exige uma intensa disponibilidade. Já que, a cambonagem é uma função exercida nos terreiros de Umbanda e consigo carrega a arte de dar suporte às entidades, dos médiuns e dos dirigentes que ocupam o terreiro. Uma das questões mais curiosas é que as cambona, além de cuidar dos orixás, não incorporam. No entanto, elas possuem em si uma visão-audição-sensação aguçados para estar sempre atentas aos acontecimentos que são produzidos nos terreiros. Trata-se de uma pessoa que está junto com os orixás, sentindo-aprendendo cuidando com gestos de atenciosidade. E que se coloca ativamente para fazer o que for necessário, mas que atua sob uma condição de quem está ali para tatear o que acontece.

De acordo com Simas e Rufino (2018), as cambonas atuam na condição “de não saber” (idem, p.37) se posicionando como quem vai aprendendo no ato de fazer-fazendo e vai se colocando disponível às imprevisibilidades. Por isso, reivindicamos neste ensaio que nossas pesquisas possam se agenciar com este fazer, já que o que intentamos é sentir-olhar o mínimo. Sendo movidas pelo desejo de criar fissuras para assim tecer gestos de cuidado, que se constituem a partir da circulação de saberes, que concebem o pequeno, o mínimo como algo potente!



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

POR ENTRE AS PROBLEMATIZAÇÕES DAS PESQUISAS: UM AGENCIAMENTO COM O GESTO DE CAMBONAR

O que empreendemos com este ensaio é visibilizar a cambonagem, dando a pensar que este modo de fazer parece se entrelaçar com o modo como problematizamos os efeitos dos encontros em nossas pesquisas. Pensamos que assim, podemos afirmar a necessidade de produzirmos uma disponibilidade em que nos permitimos “deixar banhar pela palavra alheia, as ressonâncias de suas experiências e vivências.” (RIBEIRO; SKLIAR, 2020 p. 18). Sentindo as imprevisibilidades do encontro que nos convida a dançar um ijexá...juntas!

Navegamos num mar de multiplicidade e convidamos os mandingueiros Simas e Rufino (2018) para entrar na roda. E assim, evocamos suas palavras que nos dão a pensar o gesto de cambonar como um fazer de quem:

se lança de corpo aberto para os cruzamentos e alinhava suas narrativas acerca dos conhecimentos na mesma medida em que as vive sob a lógica das encruzilhadas. [...] é na encruza que ele acende a vela e vela a vida, brindada com o gole de marafo que será cuspidado para reinventá-la. Gargalhemos. (SIMAS, RUFINO, 2018, p. 40)

Assim, narramos os efeitos da pesquisa-dissertativa intitulada “Cartografia do caminhar com estudantes (entre diários de pesquisa) no Instituto Benjamin Constant”, que buscou problematizar os efeitos dos encontros com os estudantes, a partir da percepção de uma educadora que experimenta o espaço institucional, na condição de assistente de alunos, movimentada pelo caminhar com estudantes em sua maioria nomeados como deficientes e indisciplinados.

Hoje me veio à lembrança de uma aula-passeio ao Jardim Botânico, em que acompanhei duas turmas de 6º ano. Lembro-me de que quando íamos entrar no ônibus fui alertada de que alguns dos estudantes



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

precisavam de uma maior atenção, para mantermos a ordem na visitação. Dentre os estudantes destacados estava M. que já estava saltitante desde que entramos no ônibus. Lembro-me que mal começamos a caminhar e M. começou a tatear tudo que lhe era apresentado, ele se soltava, fugia e tocava naquilo que estava sendo apresentado com bastante afobação. Naquela época senti um intenso estranhamento diante de tal situação e cheguei a pensar que o menino havia atrapalhado o bom andamento da atividade, achei que ele havia ficado “sem modos”. Mas, agora sensibilizada pelas leituras, pelas problematizações de nossas pesquisas e por todas estas experiências que me deslocam. Fico pensando que quando alguém nos apresenta alguma coisa, de imediato lançamos o nosso olhar sem precisarmos de autorizações. E assim, me indago por que aquele estudante cego precisava ser autorizado para ver com as mãos? Problematizando ainda os modos como lidamos com aquilo que fere a harmonia e o consenso que são tão úteis aos processos de homogeneização [...] (Diário de pesquisa: 20.03.2021)

E nos deixamos afetar pela experimentação do encontro nos propondo a perguntar: por que o outro que radicalmente se apresenta como outro, tende a ser percebido como alguém que está ali para nos atrapalhar? Sensibilizadas por esta e muitas outras vivências problematizamos os chamados que temos para prestar a atenção. Pensamos que podemos vazar os sentidos que se conectam com a vigilância e a punição, acreditando que assim, como as cambonas, podemos inventar uma atenção, uma acolhida, um cuidado, que suporta sobretudo a relação com aquilo que difere.

Do mesmo modo percebemos que a tese: “Paisagens tecidas na diferença: modos babélicos de ver, sentir e aprender conversando com crianças do instituto Benjamin Constant em pandemia”, que buscou dar a ver os efeitos dos encontros entre uma professora e crianças ditas com deficiência múltiplas, movimentada pelo ver entre



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

estudantes da educação infantil. Pensando que, o gesto de ver na pesquisa é uma possibilidade de materializar uma atenção e uma sensibilidade, que tateia a imprevisibilidade do encontro.

Hoje fui convidada a ver! Quando recebi o convite pensei muito rapidamente “mas estou vendo”, mas não deu tempo de pensar “Vem, vem ver”, era tanta a alegria que eu imediatamente respondi “sim eu quero ver”, pegaram minhas mãos e as direcionaram pelas paredes. Em todas as paredes havia uma faixa de textura aproximadamente da altura das crianças, porém precisei me abaixar para ver do modo como elas (as crianças) queriam me mostrar. Assim fui direcionada a sentir com as mãos as texturas de faixa, em cada parede daquela sala. Sensação muito diferente de ver como eu achava que estava vendo, ali eu passei a ver não só com os olhos! Talvez ver seja muito mais que isso que andava pensando. Lindo esse meu primeiro encontro com as crianças. Será que estou aprendendo a ver? Reaprendendo? Desaprendendo? (Diário de pesquisa: 17/10/ 2016).

Parece também se agenciar ao modo de fazer das camponas, já que o gesto de ver, é materializado não só no encontro com os estudantes, mas também no forjar de uma pesquisa que se movimenta por uma disponibilidade, uma abertura, um (com)fiar a muitas mãos, que expandiram o próprio modo de olhar da autora.

Na pesquisa-escrevivência de mestrado, “Escrevivências: denegrir (-se) e ensurdecer (-se) com estudantes negras surdas. Há um desejo de entramar os efeitos da experiência com as escrevivências (EVARISTO, 2008), pensando em possibilidades outras de enunciar nossas memórias ancestrais nos corpos que ecoam em Libras ou em qualquer outra maneira de se ecoar. Nesta composição a escuta insurge como um gesto de abertura, de disponibilidade que se faz com o corpo todo.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

O escutar ...

Chego correndo no Instituto com o corpo acelerado devido à correria e intensidade do dia. Entro na sala de aula. Observo uma estudante recém-matriculada. Pergunto como forma de provocação. “Ela é surda?” Outra estudante entra na conversa e retruca minha pergunta “Por que precisa saber disso?” Silêncio... Não sabia o porquê essa fala me deixou tão sem palavras. Ela segue dizendo: “Você ouve com o que?” Eu aponto para o meu ouvido. Ela responde: “Eu escuto com cada parte do meu corpo!” Silêncio (Diário de pesquisa: 20/03/2022).

Tomadas pelos efeitos deste encontro, percebemos que nesta composição há uma produção de sentidos, que propõe a escuta como um gesto de abertura, disponibilidade e incertezas na relação. Como uma oportunidade de compor um encontro que é movido pela multiplicidade, pelas singularidades, que é impulsionado pela diferença. Trata-se de uma pesquisa escrevvida, que vibra com a possibilidade de escutar com todo o corpo e cambonar com qualquer um!

CONSIDERAÇÕES (NADA) CONCLUSIVAS

Diante de tais problematizações, criamos a cisma de que os efeitos dos encontros que acontecem entre as três pesquisas se agenciam ao gesto de cambonar. Já que, o fazer de cada uma de nós, ao ler, escrever, estar juntas, nas idas e vindas da pesquisa-vida, nos entrelaçam com um desejo ético-político de forjar uma composição que é coletiva, implicada, atenta, disponível e problematiza o modo como nos relacionamos com os outros.

Apostamos na possibilidade de agenciar nossas pesquisas com o fazer das cambonas. Nos posicionando como quem vai aprendendo no ato de fazer na experiência. Quem vai aprender a fazer-fazendo. Preocupamo-nos com a composição



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

de encontros éticos e buscamos estar disponíveis ao imprevisível, para então nos entramar com as palavras que narram o que há no gesto de cambonar.... Ao estar disponível ao que está por vir, caçamos por algo, buscamos aquilo que nos afeta e que nos desloca. Ir juntas para onde não sabemos. Dizer juntas o que ainda não dizemos. Conversar juntas. Caminhar juntas. Conversando. Pesquisando. Narrando. Escrevivendo... Enfim, este ensaio tem o desejo de ver e se afirmar uma política do cuidado e de afeto no exercício de escrever-pesquisar-caminhar-viver. No entre. Juntas. Um ensaio entramado no pelo pulsar de produzir afetações diversas. Um encontro, entre, com abertura a uma vida pulsante... e diante do gesto de cambonagem.

Referências Bibliográficas:

BARROS, Regina Benevides de. PASSOS, Eduardo. Diário de Bordo de uma viagem intervenção. In: *Pistas do Método da Cartografia pesquisa-intervenção e Subjetividade*. Porto Alegre, Editora Sulina. 2020, p-172-200.

COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. *Revista Paralelo 31*. Ed.15, 2020.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008.

MADEIRA, Débora de Souza Santos Madeira. Cartografia do caminhar com estudantes (entre diários) no Instituto Benjamin Constant. 2022. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022. Disponível em: <https://www.btdt.uerj.br:8443/handle/1/19328> . Acesso em 25/08/2024.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

RIBEIRO, Thiago; SKLIAR, Carlos. *Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil*. Revista Séries-Estudos. Periódicos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB. v.25, n.55, 2020.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS; Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *A ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SANTOS, Sheila Martins dos. *Escrevivências: denegrir (-se) e ensurdecer (-se) com estudantes negras-surdas*. 2022. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022. Disponível em: <http://www.btd.uerj.br/handle/1/19813> . Acesso em 25/08/2024.

SILVA, Daiana Pilar Andrade de Freitas. *Paisagens tecidas na diferença: modos babélicos de ver, sentir e aprender conversando com crianças do Instituto Benjamin Constant em pandemia*. 2023. 127 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023. Disponível em: <http://www.btd.uerj.br/handle/1/19927> . Acesso em 25/08/2024.